

## A MODA E O TRAJE MILITAR NO SÉCULO XVII

Dr. MORAIS ALEXANDRE

Ao tentar produzir uma pesquisa sobre a inter-relação e inter-penetração que a Moda e o trajar militar enfermam ao longo da História, algumas considerações prévias devem ser feitas.

Assim devem ser aclarados alguns conceitos operatórios.

Moda, como foi definida por Gabrielle Chanel, é o que passa de moda, ou seja a Moda é o oposto ao perene, visa satisfazer um instante, para logo de seguida, provocar uma corrida ao consumo de novos produtos, efémeros, também eles. Perante tal conceito, o Vestuário Militar deveria estar nos antípodas, o traje militar visa uma operacionalidade mais próxima do design. A peça de vestuário usada deve corresponder ao seu DESIGNIO.

No entanto, e a nível histórico, isto não corresponde necessariamente à verdade, há modas influenciadas pelo trajar militar e o oposto também é verdade.

O vestuário militar, mais do que uma forma de vestir, num determinado período e de um modo idêntico, uma determinada categoria de pessoas, os militares, representou a nível histórico e representa ainda na actualidade, um papel de importância extrema, quer a nível cultural, quer a nível social.

Fazemos parte de uma civilização que é marcada por uma cultura, onde o valor da imagem tem uma importância extrema e na qual, e em relação às forças armadas, o uniforme militar tem tendência a funcionar como primeiro elemento e espelho de valores dominantes de uma mentalidade muito própria da instituição castrense, em ligação com a sociedade civil. Daí, a preocupação extrema que os comandos têm desde sempre votado à correcção na forma e no porte do uniforme.

A nível histórico, a maneira como os diversos corpos militares se vestem, funciona como meio de interpretação psicológica e socio-

lógica, permitindo-nos compreender melhor as ideias, pensamentos e mesmo preconceitos de uma determinada época.

Serve ainda como indicador sócio-económico, já que a partir dos diversos elementos que compõem o fardamento e a sua utilização em termos de escala hierárquica, podem-nos elucidar sobre os diferentes padrões de consumo das diferentes patentes.

Por último, o vestuário militar, revela a imagem, que a instituição castrense quer, ou quis, a nível histórico, comunicar de si própria — armaduras, fardas, insígnias, adornos, camuflados, etc., são sempre máscaras, cuja função é esconder o real, ou pelo contrário ressaltá-lo.

Para se fazer um estudo sério do vestuário militar, ao longo de várias épocas e, particularmente, do século XVII, por razões que adiante serão aduzidas, é necessário fazer um cotejamento com o traje civil da mesma época. Sobre este assunto, cite-se Manuel Ribeiro Rodrigues, que numa notável série de artigos que tem vindo a publicar no «Jornal do Exército», nos diz: «... A moda civil influenciou a evolução do uniforme, e é necessário ter isso sempre em conta. Quando se examina um traje militar de um determinado período, pode-se constatar que a diferença entre o traje civil e o traje militar é mais semelhante do que se poderia pensar à primeira vista. É o caso dos tricórneos, bicórneos, casacas, sobrecasacas meias de seda (jarreteiras, cabeleiras, rendas, etc., que tanto eram utilizadas por civis como por militares).»<sup>(1)</sup>

A partir deste cotejamento, poder-se-ão obter algumas chaves para decifrar as razões de certas vestimentas.

Se já Fernão Lopes na sua *Crónica de El-Rei D. João*, nos refere ter sido fornecido o mesmo pano para vestir 210 «lanças» pagas pela cidade de Lisboa «para todos irem duma libré, e ao produzir-se uma genealogia do uniforme, tem necessariamente que se aludir às librés que remontam a tempos medievais; sabemos que no século XVI, as guardas do Duque de Bragança, do Arcebispo de Lisboa ou mesmo do meirinho da corte, podiam ser reconhecidas pela população pelas suas cores próprias<sup>(2)</sup>. A noção de Uniforme, tal como hoje a entendemos, é relativamente recente.

De facto, as primeiras tentativas de uniformizar os corpos do exército bem sucedidas, remontam apenas ao século XVII; assim,

(1) RODRIGUES, Manuel Ribeiro «Uniformes Militares», in *Jornal do Exército*, Lisboa.

(2) LOPES, Carlos da Silva, «Contribuição para o estudo dos uniformes militares portugueses desde 1664 até 1806» in *Documentos e Memórias para a História do Porto*, Porto, 1958, XXIX.

é cerca de 1632 que aparecem os primeiros ensaios de uniformes militares, com os Regimentos azuis, amarelos e verdes de Gustavo Adolfo<sup>(3)</sup>, numa altura em que em Portugal as forças se vestem sem este tipo de preocupações, veja-se na iconografia disponível sobre a época e mesmo em alturas posteriores, como por exemplo nas guerras da Restauração, onde e apesar das tentativas regulamentadoras de D. João IV, alguns militares usam na cabeça o morrião de aço, enquanto outros usam o típico chapéu braguês<sup>(4)</sup>.

Em Inglaterra, com a criação do «New Model Army», aquando da guerra civil, tinha sido Cromwel que tinha vestido uniformemente os seus regimentos de vermelho e como inovação das inovações, estes eram pagos regularmente<sup>(5)</sup>.

Em França, o uniforme foi timidamente introduzido, por alguns comandantes que tinham atribuído aos seus homens vestes semelhantes, tratando-se, no entanto, de manifestações de carácter individual e esporádico.

Já em Portugal, foi um estrangeiro, o Conde Schomberg, que mercê de estar encarregue de uma importante reorganização das tropas portuguesas, ao tempo de El-Rei D. Afonso VI, vai fazer as primeiras tentativas de vestir os corpos do Exército, na altura denominados «Terços», de forma uniforme, o que parece que fez de acordo com a última moda francesa<sup>(6)</sup>.

Estes primeiros uniformes, encontram-se descritos nas memórias de António de Sousa Macedo, depois transcritas pelo Dr. Eduardo Brazão<sup>(7)</sup>: atente-se à saborosa prosa: «... Sexta-feira 18 de Abril se embarcaram para a Aldeia Galega os terços de infantaria da guarnição da Armada de que é Mestre de Campo Simão de Vasconcelos e Sousa, irmão do valido, tendo nos dois dias antecedentes passeado no Terreiro do Paço, para que lhe vissem as casacas, que eram todas germanadas nas cores. O terço da armada de verde e forro amarelo, trajando as mesmas cores o mestre-de-campo e oficiais.

(3) FUNCKEN, Fred e Liliane, *Le Costume et les armés des soldats de tous les temps*, s.l. Casterman, 1966, p. 124.

(4) CUTILEIRO, Alberto, *O Uniforme Militar na Armada*, Lisboa, Amigos do Livro, 1983, p. 104.

(5) FUNCKEN, *op. cit.*, p. 124.

(6) ROSA, Cor. José Luís Trinité, *Uniformologia*, edição policopiada em Lisboa pelo Centro de Estudos de História Militar, 1987/88, p. 14, (trata-se de uma obra em três volumes, destinada a auxiliar o investigador de uniformologia, onde se analisam e definem conceitos básicos e que merecia ser publicada).

(7) BRAZÃO, Eduardo, *D. Afonso VI*, Porto, 1940, p. 215.

Introduziu-se esta gala pelo conde Schomberg. A introdução se aprovou porque, além de fazer vistoso o exército com a variedade, esta distinguia os terços e estimulava os soldados nas ocasiões, vendo-se deixar atrás de outros conhecidos, sem que a indiferença tirasse o louvor a quem o merecesse. Esta despesa saiu dos socorros dos mesmos soldados que com comodidade ficaram vestidos).

Até ao século XVII, não existiam, como vimos, uniformes e o militar vestia-se de acordo com as modas civis, que podiam ser aligeiradas ou não, variando a riqueza do traje de acordo com o posto/posição do militar que o usava.

A partir do século XVII, e com o aparecimento dos primeiros uniformes, esta tendência não se altera, continuando a forma do vestuário a ser condicionada e mesmo determinada pelas modas civis, que à altura e tal como hoje, eram importadas.

Até 1640, a influência era espanhola, sendo as vestes ricamente ornamentadas com bordados, fitas, passamanarias, galões, etc., às quais e quando em combate eram acrescentadas peças de específico carácter militar, como peças de armadura, sendo também os chapéus emplumados substituídos pelo morrião de aço<sup>(8)</sup>.

A partir da Restauração, as modas francesas tornam-se dominantes, contribuindo para isto as diversas políticas de alianças, e lembre-se que Portugal teve em Richelieu um apoiante da sua independência face a Castela, sendo então todo o vestuário português influenciado por França e consequentemente também o traje militar, hegemonia esta que se manteria pelo menos até ao século XIX.

Assim, são as modas da época de Luís XIII que nós encontramos retratadas no magnífico hilhar de azulejos representando a Batalha das Linhas de Elvas, na Sala das Batalhas do Palácio dos Marqueses de Fronteira, o mais notável conjunto de painéis historiados representando as batalhas da Guerra da Restauração<sup>(9)</sup>, onde os fatos dos militares não diferem em nada dos fatos que dois homens envergam, num outro painel de azulejos aplicado na fachada do mesmo palácio e que representa uma cena profana.

São modas curiosas as deste período, onde o efeito procurado é um certo ar propositadamente «negligé», o que em parte é motivado pela abertura do gibão, que não é abotoado do externo para baixo de modo a deixar ver os folhos da camisa. Obtendo-se assim um ar rebuscadamente descomposto, que é tão comum observar nas modas francesas coevas.

<sup>(8)</sup> Rosa, *op. cit.*, p. 16.

<sup>(9)</sup> MECO, José, *O Azulejo em Portugal*, Lisboa, Publicações Alfa, 1989, p. 102.

Podem ser usados sapatos ou botas; quando são preferidas estas últimas aos sapatos, são geralmente em funil, com as rendas das meias a ultrapassar a altura das botas. Também comuns aos trajes civis e militares, as golas de renda rebatidas — os célebres «rabats» e os punhos também em renda, revirados sobre as mangas do gibão — os «rebras».

No final do século, a influência continua a vir de França, onde Luís XIV é Rei, o Rei-Sol, numa altura em que todo o mundo segue a corte de Versalhes, nomeadamente Portugal, que faz construir nos arredores de Lisboa um mini-Versalhes.

Foi nesta altura que o vestuário masculino veio a sofrer profundas alterações, aparecendo o conjunto formado por três peças: casaca, véstia e calção<sup>(10)</sup>, que começando por ser usado no vestuário civil, é rapidamente adoptado para vestuário militar.

Pormenor curioso, mas que merece ser referido, o facto de os homens passarem a usar nesta época, e para manterem as mãos quentes no Inverno, regalos, uso que será extensível aos militares<sup>(11)</sup>. Um chapéu que nesta altura começa a ser usado é o tricórnio, que se manterá em Portugal até à actualidade na festa de touros.

Em jeito de conclusão, refira-se ser o século XVII um período fundamental em termos de vestuário, quer em termos da chamada «moda civil», quer em termos de trajar militar.

Em relação à primeira, é no princípio deste século que se dá uma das maiores transformações de todos os tempos: passa-se de um vestuário vindo da Renascença, com enormes laivos medievalizantes (refira-se aqui a manutenção de uso corrente do gibão), para o conjunto de três peças — calção, véstia e casaca, que já estará completamente desenvolvido no final do século e que irá influenciar todo o traje masculino subsequente<sup>(12)</sup>.

Relativamente ao traje militar, este segue ao longo de todo o século XVII as modas civis, mas faz-se desde logo sentir a vontade de criar uma uniformidade de modo de trajar dos diferentes corpos, e por outro lado essa uniformidade é também muito marcada em

<sup>(10)</sup> RUPPERT, Jacques, *Le Costume*, Paris, Flammarion, 1931, vol. III, p. 14.

<sup>(11)</sup> BOUCHER, François, *Histoire du Costume*, Paris, Flammarion, 1983, p. 262.

<sup>(12)</sup> O actual fato completo composto de calça, colete e casaco, não é mais do que uma actualização, revista mas não ampliada e empobrecida, do traje masculino nos finais do século XVII.

termos de diferenciação dos militares e dos civis, quer pelas cores usadas, pelos botões ou mesmo pela forma das peças usadas; passa-se, a partir desta altura, a fazer a distinção militar/civil, através do vestuário diferente que os militares envergam, o que é novidade, já que até então o que distinguia o militar do civil eram as peças de armamento<sup>(13)</sup>.

No Exército, vai-se optar por tons garridos, o que muito tinha a ver com o modo como então se combatia. Estamos então e pela primeira vez, perante um afastamento propositado do traje militar, da moda civil, fosse esse que uma vez aberto, não cessaria de aumentar.

Estudámos alguns aspectos do traje militar, nomeadamente, nos pontos em que ele se relaciona com as modas civis. Tratou-se de um trabalho incipiente, mas que merece ser desenvolvido com estudos complementares e mais aprofundados.

---

(13) Entenda-se aqui a palavra armamento na sua vertente mais alargada, incluindo armamento ofensivo e defensivo, ou seja considere-se o capacete como peça de armamento defensivo.